

PE. LEONEL FRANCA, S.J.

Pe. Francisco Ivern, SJ
PUC — Rio

Esta Semana Filosófica é comemorativa do centenário do nascimento do Pe. Leonel Franca. Como Vice-Reitor e representante da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — instituição a que ele tanto contribuiu para fundar e cujos primeiros passos orientou com admirável sabedoria e dedicação, desde 1940 até a sua morte prematura em 1948 — gostaria de prestar homenagem a este exímio jesuíta, sublinhando, brevemente, a relevância da mensagem que a sua vida, tão curta e tão fecunda, encerra para nós hoje. Para todos nós, certamente, mas em primeiro lugar para os seus irmãos jesuítas e, de modo muito particular, para aqueles que, mediante o estudo da filosofia e da teologia, estão hoje preparando-se para enfrentar os desafios da sociedade brasileira, no limiar do terceiro milênio.

O Pe. Franca era, sem dúvida, um homem brilhante, de extraordinárias qualidades humanas e intelectuais, como revelam os seus numerosos livros, artigos e alocações sobre os temas mais diversos e que, junto com as suas aprimoradas traduções, constituem um rico acervo de mais de quinze volumes. Um imenso zelo apostólico e uma espiritualidade sólida e profunda inspiraram e sustentaram, quase milagrosamente, uma vida minada e continuamente ameaçada pela grave doença que desde jovem o afligia e que, finalmente, provocou a sua morte, aos 55 anos de idade.

Acredito, porém, que foi sobretudo a sua sólida formação filosófico-teológica que permitiu ao Pe. Franca exercer uma vasta e indelével influência entre os seus contemporâneos, e marcar de modo significativo o mundo cultural brasileiro da sua época; uma época não de mediocridades, mas de personalidades fortes e de alto nível intelectual e moral, tanto na Igreja como na sociedade civil. Poucos dias depois da morte do Pe. Franca, o seu grande amigo e admirador, Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Atayde, podia afirmar: "(O Pe. Franca) foi o centro de gravidade de nossa geração, a encruzilhada de nossos caminhos nesses últimos 20 anos" (Em suplemento de "A Manhã", Rio de Janeiro, 12/09/1948).

Falo da sua formação “filosófico-teológica” como um todo indivisível, cujos dois componentes se enriquecem e se complementam mutuamente, na mais autêntica tradição da formação sacerdotal na Igreja e, em particular, na Companhia de Jesus, por achar que essa união e complementaridade constituem uma das notas mais marcantes da vida do Pe. Franca e, também, uma das lições de maior relevância e atualidade para a nossa presença e ação apostólicas no mundo de hoje. Certamente a vida do Pe. Franca nos oferece muitas outras importantes lições: a sua simplicidade e humildade; o seu espírito de oração; a sua fidelidade à Igreja; a sua tenaz dedicação ao trabalho; a importância que atribuía e o tempo que consagrava ao acompanhamento e direção espiritual dos muitos que solicitavam a sua ajuda e conselhos; a sua vigorosa defesa da família cristã; a assessoria que prestou a tantas associações e organizações de intelectuais, universitários e profissionais cristãos — que, às vezes, ele mesmo ajudou a fundar — e, em geral, seu empenho na formação e promoção do laicato brasileiro; a sua dedicação à causa da educação no Brasil, em particular durante os 17 anos em que foi membro — “um dos mais ilustres” (Diário do Congresso Nacional, 07/09/1948) — do Conselho Nacional — hoje Federal — de Educação e mediante os seus esforços para estabelecer a PUC do Rio sobre uma base sólida e para dar-lhe a orientação correta.

Nessa breve homenagem, porém, focalizarei, apenas, esse aspecto da integração da formação e da visão filosófica e teológica na vida do Pe. Franca. Não sendo um profundo conhecedor do Pe. Franca, nem um “profissional” na área filosófica e teológica, as minhas observações serão necessariamente genéricas e até um tanto superficiais. Acho, porém, que essa chave de leitura ou ponto de vista, embora parcial, reflete de fato a realidade e espero que outros — mais competentes do que eu — possam eventualmente comentá-lo, aprofundá-lo e corroborá-lo, se for o caso.

É oportuno que essa homenagem aconteça no segundo dia desta Semana Filosófica. Dentro de pouco ouviremos a conferência do Prof. Raul Landim sobre a verdade. A vida do Pe. Franca foi toda ela dedicada ao conhecimento, serviço e procura da verdade. Neste sentido podemos afirmar que foi um filósofo no sentido mais pleno e autêntico da palavra. O seu amor e fidelidade à verdade, a sua confiança na verdade marcaram toda a sua vida e se refletem na objetividade, segurança e equilíbrio que distinguiam os seus escritos e as suas alocações e, também, na autenticidade e serenidade que projetava a sua pessoa.

Naturalmente, para ele a verdade não se fechava sobre si mesma, mas se abria ao transcendente, à verdade suprema e absoluta, à fonte de toda verdade. Fé e razão, ciência filosófica e teológica, se integravam e complementavam harmonicamente. A procura da verdade, o crescimento no conhecimento da verdade constituíam um constante processo, sem reducionismos nem limites que pudessem ofuscar ou fechar os horizontes escatológicos da existência humana. Esse conceito global, integrado e dinâmico da verdade, inspirava o Pe. Franca e se refletia nos seus escritos, por exemplo, quando ele definia a cultura como um “processo que sempre se renova, num esforço para melhorar, para progredir, para atingir a plenitude de um ideal que sempre se distancia no horizonte, mas constitui a mola misteriosa de todas as realidades concretas” (Discurso inaugural do ano acadêmico da PUC, 15/03/1941).

A mesma visão integrada da verdade, nas suas dimensões filosóficas e teológicas, e o zelo para dá-la a conhecer e difundir-la também guiaram e inspiraram os seus passos ao fundar a Universidade Católica. Para o Pe. Franca, o adjetivo “católica” não diminuía, nem prejudicava de modo nenhum as responsabilidades e o papel da Universidade, quer no campo da transmissão do saber, quer no campo da produção de novos conhecimentos, mediante o estudo e a investigação ou pesquisa. Pelo contrário, a Universidade Católica constituía, para ele, um dos meios mais adequados para testemunhar a verdade em toda a sua riqueza e plenitude no mundo fragmentado e dicotômico em que vivemos: “A Universidade Católica não é centro de estudos em que se cortam as legítimas liberdades de investigação e se substituem pela aceitação dos dogmas os processos da ciência... O sábio católico tem uma confiança inabalável na coerência total da verdade; todos os métodos que a ela podem levar, ele os segue com uma fidelidade religiosa... Curiosidade infatigável no investigar, convicção profunda da inteligibilidade das coisas, respeito inviolável aos processos lógicos que levam à conquista da verdade, bem divino, eis a atmosfera que se respira numa universidade católica... Ainda está por fazer o estudo dos males que à sociedade moderna trouxe o processo de laicização progressiva dos focos superiores da cultura e da inteligência dissociados pouco a pouco das fontes da vida espiritual da nação... Se a cultura é a realização integral da verdade na vida, uma Universidade Católica por sua própria natureza acha-se, singularmente, aparelhada para concretizar este ideal” (Ibid.).

A visão global e integrada da verdade, em grande parte fruto da sua formação filosófico-teológica, estava também na base da concepção integral tanto do ser humano, como da missão que Deus confia a esse ser: concepção que o Pe. Franca sempre defendeu e promoveu. Para ele, essa missão combina o dever de ampliar e aprofundar cada vez mais o nosso conhecimento da verdade — ou da “realidade”, para usar uma palavra hoje mais em voga — com o dever de praticar o bem e agir sempre em harmonia com as exigências éticas da nossa fé e os postulados da nossa razão. Não se trata, apenas, de conhecer e contemplar o mundo, mas também de transformá-lo, colocá-lo a serviço do homem e modelá-lo para que exprima cada vez melhor a riqueza e beleza dos nossos ideais humanos, morais e religiosos.

Vivendo em outra época, num contexto cultural e religioso diverso do nosso, não poderíamos pretender que o Pe. Franca definisse a nossa missão no mundo de hoje em termos de “serviço da fé e promoção da justiça”, como os seus irmãos jesuítas fizeram 26 anos depois da sua morte. Porém, no contexto da sua visão do desenvolvimento integral do ser humano — conceito que mais tarde se tornaria comum no ensinamento social da Igreja —, a dimensão social da missão cristã não se limitaria, apenas, a promover a justiça social num contexto puramente moralizante, mas também abrangeria os nossos esforços para responder melhor às múltiplas necessidades humanas, fazendo uso, com competência, dedicação e criatividade, de todos os recursos da ciência, da tecnologia e das artes, incluindo a política.

Deste modo, na vida do Pe. Franca, se estabelece um ponto natural de diálogo e intercâmbio entre a área das ciências humanas e sociais e o mundo tecnológico-científico que sempre exerceu para ele um forte atrativo, desde os anos nos quais, ainda jovem, foi professor — um tanto improvisado — de física, matemática e geometria no

Colégio Santo Inácio e, mais tarde, de química, na casa de formação de Nova Friburgo. Essa concepção do desenvolvimento humano integral, ao mesmo tempo humanista, no sentido estrito da palavra, e tecnológico-científico, marcou também a PUC do Rio que, já nas primeiras etapas da sua existência, tentou integrar, embora nem sempre com o êxito que se esperava, essas duas dimensões complementares da vocação humana.

Nesse contexto, eu ousaria dizer que se vivesse na nossa época, o Pe. Franca tenderia, espontaneamente, a unir duas tendências que, com freqüência, se desenvolveram paralelamente na Igreja dos nossos dias, senão em teoria, pelo menos na prática: tendências baseadas nos conceitos de libertação e de desenvolvimento integral da pessoa humana. Para ele, toda reestruturação social que não se fundasse num conceito adequado do ser humano na sua integralidade — João Paulo II diria, em Puebla, “na verdade sobre o homem” — estaria destinada, mais cedo ou mais tarde, ao fracasso.

Para o Pe. Franca, dada a sua formação e a estreita interrelação entre fé e razão que essa formação comportava, o amor, a caridade cristã, condição *sine qua non* da autenticidade da nossa fé, era sempre uma caridade “discreta”, marcada pela verdade e por uma verdade que, na sua visão, tinha necessariamente exigências de curto, médio e longo prazo. Se essas exigências não fossem suficientemente ponderadas, a nossa caridade poderia degenerar em uma ação moralizante sem visão de futuro, sem rumo certo, ou poderia se deixar facilmente cooptar por ideologias generosas, mas de pouca solidez e precária duração: “Entre homens, só a idéia e o amor trabalham para as iniciativas que o tempo respeita e a posteridade abençoa... A todo homem que age, a todo reformador que pretende mudar a face das coisas, a razão chama à barra do seu tribunal e pede-lhe contas dos princípios que o inspiram. Não admitimos ação sem porquê. A informar qualquer programa de vida surge necessariamente um sistema de idéias” (Discurso inaugural do ano acadêmico da PUC em 1942). Parecem observações óbvias demais e até desnecessárias, já que, como o próprio Pe. Franca nos lembrava, “não podemos despir-nos da nossa natureza invencivelmente racional”. Quando o Pe. Franca falava, porém, o império da razão estava seriamente ameaçado e a força e a violência da Segunda Guerra Mundial dilaceravam a humanidade. Embora o contexto não seja o mesmo, a dicotomia entre fé e razão que hoje se manifesta de tantos e diversos modos — alguns mais evidentes, outros mais sutis e difíceis de detectar — convida-nos a ponderar as implicações profundas da sua mensagem.

Os tempos mudaram. As problemáticas dominantes não são hoje necessariamente as mesmas que preocuparam o Pe. Franca. Hoje devemos enfrentar necessidades e problemas que não existiam no seu tempo ou apenas começavam a emergir, ainda muito timidamente. Porém, o essencial da sua mensagem, que tentei descrever muito sumariamente e apenas sob um dos seus muitos aspectos, conserva todo o seu valor para aqueles que, como nós, jesuítas, desejam enfrentar, à luz da fé e da razão, os graves problemas do nosso tempo, e acompanhar e orientar os seus contemporâneos nos seus esforços para resolvê-los.

A formação que a Companhia de Jesus, de acordo com o seu carisma ou modo de proceder, deseja dar aos seus membros, não se reduz a uma simples motivação religiosa, ainda que generosa e inspirada nas fontes mais autênticas da espiritualidade do seu

fundador. Também não se reduz a nos transmitir um certo cabedal de conhecimentos que nos permita discursar com uma certa erudição e autoridade sobre os mais variados problemas. Uma experiência religiosa pessoal e profunda e uma doutrina sólida são, sem dúvida, ingredientes absolutamente indispensáveis dessa formação. O mais importante, porém, é que, como no caso do Pe. Franca, além do nosso testemunho religioso pessoal e comunitário, a nossa formação permita nos engajar num diálogo com a cultura contemporânea com a mesma coragem, seriedade, lucidez e espírito crítico com que ele encarou a cultura do seu tempo. Para o Pe. Franca, diálogo não significa apenas ouvir e receber, com mente aberta e atitude respeitosa, as legítimas idéias e opiniões dos outros, mas também reafirmar a nossa identidade e dar razão, com obras e palavras, dos fundamentos da nossa fé e da nossa esperança. É isso que significa evangelizar a cultura e encarnar nela os princípios e valores que uma visão do mundo e uma concepção da pessoa humana inspiradas na fé cristã necessariamente compo-rtam. Nem todos possuímos as qualidades e talentos que distinguiam a personalidade do Pe. Franca. Porém, de todos nós é exigido o mesmo zelo para nos dedicarmos, de maneira humilde, mas obstinadamente, a um conhecimento sempre maior da verdade, "bem divino", e a mesma vontade para assumirmos as conseqüências e exigências que essa verdade implica para as nossas vidas e para o nosso apostolado.

Endereço do autor:

R. Marquês de São Vicente, 293
22451-041 — Rio de Janeiro — RJ